



IX Simpósio Nacional de História Cultural  
**Culturas – Artes – Políticas: Utopias e distopias do mundo contemporâneo**  
**1968 – 50 ANOS DEPOIS**  
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT  
Cuiabá – MT  
26 a 30 de Novembro de 2018

**“EVIDENCIARAM LOGO CEDO A NECESSIDADE DA FORMAÇÃO DE ENFERMEIRAS”: O ENSINO DE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM NA UNIVERSIDADE REGIONAL DO NORDESTE – URNE (1974-1986)**

Flávia Gomes Silva<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

O cuidado direcionado ao próximo esteve presente em diversas gerações e durante a antiguidade apresentava-se como uma prática desenvolvida pelas mulheres, as quais expressavam através do seu “instinto materno” a primeira forma de manifestação do cuidado. Nesse período, as mulheres realizavam não só os cuidados da sua família, mas também dos idosos, feridos e doentes, e as práticas de assistência à saúde elaboradas por elas estavam ligadas a um serviço de sobrevivência dos seus e daqueles que pertenciam a comunidade (OGUISSO, 2007).

A partir das ações de cuidado desenvolvidas por essas mulheres, que em sua maioria estavam vinculadas a Igreja Católica e as obras de caridade, começaram a emergir de forma discreta e sem legitimidade social as práticas assistenciais da enfermagem (GEOVANINI et al., 2010).

---

<sup>1</sup> Bacharela em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Campina Grande (PPGH/UFCG).

Com o nascimento do hospital, que inicialmente era liderado por religiosos e visto como um dispositivo de exclusão para loucos, doentes e pobres, as mulheres encontraram um novo ambiente para realizar suas obras de caridade. A partir do século XVIII, o ambiente hospitalar recebeu uma nova conotação e passou a ser percebido como um instrumento de cura e um espaço destinado às práticas terapêuticas, assim, o médico passou a ser o principal responsável por sua organização e detentor do poder. Nesse contexto, a enfermeira encontrava-se numa posição de submissão ao médico e o acompanhava durante as visitas aos doentes para a realização de registros (FOUCAULT, 2011). Essa ideia de hierarquização das profissões perdura ao longo dos anos e continua sendo uma das barreiras encontradas por profissionais de diversas áreas, em especial na enfermagem, que tem confrontado o modelo de submissão ao saber médico imposto nos primórdios da profissão e buscado autonomia nas suas decisões assistenciais.

Enquanto profissão e campo disciplinar a enfermagem ganhou visibilidade durante o séc. XIX, com as ações desenvolvidas por Florence Nightingale, a qual era ligada a Igreja e sentia-se vocacionada para a prestação de cuidados aos doentes e feridos. Foi mediante esse desejo de cuidar, que Nightingale participou como voluntária na guerra da Criméia (1853-1856) e atentou para o sofrimento dos homens naquele ambiente hostil. A sua sensibilidade removeu o processo de cuidar do invisível, do natural e o considerou no campo da racionalidade científica (PASSOS, 2012).

Nightingale promoveu em sua época uma mudança significativa quanto ao conceito de enfermagem, pois declarava a existência de uma identidade profissional singular e simbólica, em termos de disciplina e poder. Dentre as ações desenvolvidas pela enfermeira, encontravam-se a administração de hospitais, a formação de novas enfermeiras, a educação em serviço, a preservação do ambiente, o sanitarismo e o uso do suporte epidemiológico, a fim de promover a prevenção e o controle de doenças infecciosas e o desenvolvimento de infecções no ambiente hospitalar (CARRARO, 2004; OGUISSO, 2005).

Esse modelo desenvolvido por Nightingale se expandiu por toda a Inglaterra, e posteriormente atingiu outros países, a exemplo dos Estados Unidos, onde foi criado em 1909 o primeiro curso universitário para a formação de enfermeiras na Universidade de

Minessota. A Missão *Parsons*<sup>2</sup> (vinda dos EUA) atuou simultaneamente em três frentes de trabalho no Brasil: a organização de um serviço unificado de enfermeiras (na área de saúde pública); a criação da escola padrão pelo Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) e a reorganização de um Hospital Geral da Assistência do DNSP, cujo propósito era promover um campo de estágio favorável às alunas ingressantes (MEDEIROS, TIPPLE, MUNARI, 2008).

No Brasil, as primeiras escolas de Enfermagem foram construídas entre o final do século XIX e o início do século XX, e tinham o objetivo de promover a formação de enfermeiras para os hospícios e hospitais civis e militares. (BARBIERI e RODRIGUES, 2010). Com a instauração da reorganização do processo econômico-político no país, a demanda por uma força de trabalho qualificada e com saúde se tornava relevante, o que refletia intensamente na procura dos serviços de saúde. Nesse período, a necessidade por profissionais da área da saúde aumentou e na década de 40 houve uma considerável expansão no número dos cursos de enfermagem, principalmente os cursos técnicos (TEIXEIRA, VALE, FERNANDES, SORDI, 2006).

Nesse cenário Brasileiro, a Paraíba iniciou seu primeiro curso de Enfermagem na Escola de Auxiliares de Enfermagem, a qual foi criada em 1953 com o objetivo de não só promover a formação de auxiliares de enfermagem, mas principalmente formar enfermeiras de alto padrão para prestar cuidados adequados aos pacientes atendidos nos serviços de saúde (MONTEIRO, MENESES, BATISTA, SÁ, 2000).

Em Campina Grande<sup>3</sup>, por sua vez, a primeira instituição a disponibilizar o curso de Enfermagem foi a Universidade Regional do Nordeste – URNE<sup>4</sup>, a qual teve o funcionamento do curso de Licenciatura em Enfermagem aprovado em 1974. Em nota publicada no Jornal da Borborema<sup>5</sup>, a instituição da URNE expôs o objetivo para a criação do curso de enfermagem, referindo que:

---

<sup>2</sup> Iniciou-se no Brasil a partir de 1920 e era conhecida como a Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil (MASCARENHAS, MELO, SILVA, 2016).

<sup>3</sup> Município brasileiro situado na região Agreste do estado da Paraíba, que conta com uma população de aproximadamente 410.332 habitantes (<http://campinagrande.pb.gov.br/>).

<sup>4</sup> A instituição foi criada através da Lei Municipal nº23, de 15 de março de 1966 (<http://www.uepb.edu.br/a-uepb/historico/>).

<sup>5</sup> O Diário da Borborema foi o primeiro jornal instalado em Campina Grande no dia 2 de outubro de 1957, pertencente à cadeia dos Diários e Rádios Associados. A instalação do jornal na cidade foi uma promessa realizada pelo jornalista paraibano Assis Chateaubriand. Além das notícias locais e regionais,

Este curso foi criado baseado na evidente necessidade de profissionais para serviços de saúde em Campina Grande. No contexto deste problema, os analistas evidenciaram logo cedo a necessidade da formação de enfermeiras para compor a equipe médica que necessita de 4 enfermeiras para cada médico. E a realidade campinense está bem longe de atender esta exigência: temos 214 médicos para apenas 31 profissionais de enfermagem, em 14 estabelecimentos hospitalares (DIÁRIO DA BORBOREMA, 30 jan. 1974).

A partir da nota exposta pelo jornal, percebe-se que a intenção da criação do curso se deu para facilitar a execução do trabalho médico e dar suporte ao cuidado que o profissional disponibilizava no período, bem como impactar os estabelecimentos de saúde na cidade ofertando um número maior de serviços.

Ainda nesta nota, são apresentadas as diversas disciplinas disponibilizadas pelo curso, dentre elas encontrava-se a disciplina de “Introdução a enfermagem” (DIÁRIO DA BORBOREMA, 30 jan. 1974), que abordava as principais questões históricas relacionadas à profissão.

Nesse contexto, a inclusão da disciplina que aborda a história da Enfermagem nos cursos de Enfermagem no Brasil ganhou maior importância, porque possibilita ao graduando lançar mão da interdisciplinaridade, e assim, se apropriar dos saberes de outras disciplinas, dentre elas a de História, para adquirir maior domínio temático e discutir de forma crítica, madura e reflexiva sobre a História da Enfermagem, questionando, portanto, as noções de verdade elaboradas e propagadas (PADILHA, 2006, p.535).

As discussões crítico-reflexivas e os questionamentos produzidos acerca das representações simbólicas de submissão, caridade, arte do cuidar e doação incondicional, que são atribuídos a enfermagem se organizam e acontecem com frequência nas salas de aula, pois possibilita aos docentes e discentes a elaboração de novos caminhos e perspectivas sobre a profissão.

Nesse sentido, a História Cultural se concentra na análise das representações coletivas que participam da construção do mundo social (CHARTIER, 2002, p. 18). Logo, como aponta Chartier, as representações configuram-se como produções simbólicas que possuem a capacidade de “construir” a “realidade social” atribuindo sentidos e significados ao mundo. Elas traduzem posições e interesses, descrevendo a

---

o jornal também contemplava em seus escritos notícias nacionais e internacionais, além de conter artigos e crônicas de vários escritores.

sociedade como seus “autores” “pensam que ela é, ou como gostariam que fosse” (CHARTIER, 2002, p.19).

A partir do exposto, nota-se que o ambiente universitário, configura-se em um “espaço educativo”, o mesmo está repleto de representações construídas ao longo do tempo, e que por ser praticado pelos sujeitos que o compõe, favorece a construção de novos sentidos e significados (CERTEAU, 2007).

Portanto, o objetivo desse artigo é investigar o ensino de História da Enfermagem e a formação da identidade profissional no curso de Enfermagem da Universidade Regional do Nordeste – URNE, no período de 1974 a 1986.

### **AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NO AMBIENTE INSTITUCIONAL**

As práticas educativas são consideradas como um evento sociocultural, que se desenvolvem em diversos ambientes e nas mais variadas profissões, as mesmas possibilitam um espaço de produção conjunta e não apenas de reprodução ou transmissão de informação entre os sujeitos (PEREIRA, OLIVEIRA, 2007). Nesse contexto, o ambiente institucional está permeado das mais diversas práticas educativas, pois em todos os seus espaços conta com a presença de sujeitos que interagem e compartilham saberes, os quais podem influenciar na sua formação acadêmica e profissional.

A sala de aula, enquanto um desses espaços incluídos no ambiente das universidades, conta com a participação desses sujeitos que debatem e expõem questões que produzem momentos de reflexão. Nesses encontros, uma das práticas educativas utilizadas é a leitura, a qual se transforma em uma espécie de gatilho, que quando acionado pode despertar o cunho crítico-reflexivo dos envolvidos.

Portanto, de acordo com Roger Chartier (2001), a leitura é “uma prática criativa que inventa significados e conteúdos singulares, não redutíveis às intenções dos autores dos textos ou dos produtores dos livros”. Assim, a partir das leituras realizadas em sala de aula, é possível que os sujeitos toquem um pouco na história da sua profissão, e percebam as lacunas deixadas ao longo do tempo. É nesses momentos de contato com o passado da Enfermagem que ocorre o surgimento de novos significados e de novas questões que podem ser abordadas em outros momentos ou espaços.

A disciplina introdução a enfermagem, componente curricular presente no primeiro curso de Enfermagem disponibilizado pela URNE em Campina Grande,

configurou-se em uma ferramenta utilizada para possibilitar esse encontro dos discentes com o passado da profissão, e através das leituras realizadas, era possível que os mesmos perscrutassem os significados atribuídos ao cuidado e ao profissional da enfermagem.

Nesse ínterim, é perceptível que a sala de aula conta com a presença de vários tipos de leitores, e aqueles que estão dispostos a questionar não recebem o que é dado como uma verdade absoluta, mas como algo passível de análise. Dessa forma, é através da apropriação de determinados conceitos, que os sujeitos fazem emergir outros significados e abordagens para temáticas diversas.

Identificando o conceito de apropriação como algo que influencia na formação do profissional de Enfermagem, Chartier (2001) refere que esse conceito retrata o que os leitores:

[...] fazem com o que recebem, e que é uma forma de invenção, de criação e de produção desde o momento em que se apoderam dos textos ou dos objetos recebidos. Desta maneira, o conceito de apropriação pode misturar o controle e a invenção, pode articular a imposição de um sentido e a produção de novos sentidos” (CHARTIER, 2001, p.67).

A disponibilidade dos textos, as análises realizadas em sala de aula, bem como os momentos de discussão sobre temáticas relacionadas à história da Enfermagem, reforçam essa ideia de apropriação praticada pelos discentes. Através dessas atividades eles revelam sua capacidade criativa e de controle, mediante o que lhe foi apresentado em aula, e a expõe através das novas ações desenvolvidas no ambiente acadêmico e profissional.

Verifica-se que esse ambiente institucional é composto por sujeitos com identidades próprias, as quais são desenvolvidas a partir da interação que existe entre a história da pessoa, o contexto histórico e social ao qual pertence e os projetos que pretende desenvolver. A identidade se apresenta de forma dinâmica e é fortemente influenciada pela cultura (CIAMPA, 1987). Nessa perspectiva, a questão relacionada à identidade e ao pertencimento, seja a um grupo ou a um local são intensamente negociáveis e estão diretamente ligadas à maneira de agir dos sujeitos e as decisões que ele adota (BAUMAN, 2005).

Nesse contexto, o sistema cultural no qual o sujeito (acadêmico/profissional) está inserido lhe oferece modelos representativos de identidade, os quais devem ser apropriados e executados pelo mesmo. Porém, o sujeito pós-moderno não apresenta “uma

identidade fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2006), ele se apresenta como um indivíduo fragmentado que pode representar e se identificar com várias identidades ao mesmo tempo, expressando-as em diferentes momentos de sua existência.

Dessa forma, as experiências vivenciadas na academia têm sua parcela de participação na formação dos sujeitos e percorre a sua formação identitária, visto que a mesma é mutável e influenciável.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do conteúdo explanado, observa-se que a profissão da enfermagem iniciou sua construção baseada nos aspectos vocacionais e caritativos, porém com os avanços ocorridos em relação às práticas de cuidado, a profissão começou a assumir novas formas e adentrar no campo da racionalidade científica.

Assim, a formação do profissional enfermeiro não acontece apenas no período em que ele se encontra no ambiente universitário. Tal espaço propicia o início dessa construção, pois a mesma acontece de forma contínua e se desenvolve ao longo de toda vida profissional do indivíduo.

Portanto, é no ambiente da sala de aula que o discente estabelece um contato inicial com a história da enfermagem, e a partir das práticas educativas utilizadas são conduzidos a momentos de crítica e reflexão acerca das concepções iniciais que estiveram vinculadas a profissão.

Esses momentos de discussão também favorecem o despertar dos docentes e discentes para a formulação de novos sentidos e significados, os quais impactam a construção identitária e disponibilizam aos sujeitos novas formas de identidade com as quais podem se identificar.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman; tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

BARBIERI, M.; RODRIGUES, J. **Memórias do cuidar**: setenta anos da Escola Paulista de Enfermagem [online]. São Paulo: Editora Unifesp, 2010. 280 p.

CARRARO, T. E. Os postulados de Nightingale e Semmelweis: poder/vital e prevenção/contágio como estratégias para a evitabilidade das infecções. **Rev. Latino-amEnferm.**, v. 12, n. 4, p. 650-7, jul./ago. 2004.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 13ª edição. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis< rio de Janeiro: Vozes, 2007.

CHARTIER, R. Textos, impressão, leitura. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **A história cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 2002.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a História da Severina**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

OGUISSO, T. **Florence Nightingale**: trajetória histórica e legal da enfermagem. São Paulo: Manole, 2005.

\_\_\_\_\_. **Trajетória histórica da Enfermagem**. 1ª Ed. São Paulo: Editora Manole, 2007.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 29. reimp. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

GEOVANNI, T.; et al. **História da Enfermagem**: versões e interpretações. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2010.

MASCARENHAS, N. B.; MELO, C. M. M. de; SILVA, L. A. Gênese do trabalho profissional da enfermeira no Brasil (1920-1925). **Esc. Anna Nery**, v. 20, n. 2, p. 220-227, 2016.

MEDEIROS, M.; TIPPLE, A. F. V.; MUNARI, D. B. A expansão das escolas de enfermagem no Brasil na primeira metade do século XX. **Rev. Eletr. Enf. [online]**, v. 10, n. 1, 2008.

MONTEIRO, E. M. L. M; L. B. A.; BATISTA, P. S. S.; SÁ, L. D. Institucionalização do ensino de enfermagem na Paraíba: uma viagem ao passado. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 53, n. 3, p. 458-466, jul./set. 2000.

PASSOS, E. **De anjos a mulheres**: Ideologias e valores na formação de enfermeiras. 2ª Ed. Salvador: EDUFBA, 2012, 198 p.

PEREIRA, L. H. P.; OLIVEIRAA, W. C. de O. **Práticas educativas**: discursos e produção de saberes. Rio de Janeiro: E-papers, 2007, 262 p.

TEIXEIRA, E.; VALE, E. G.; FERNANDES, J. D.; SORDI, M. R. L. Trajetória e tendências dos cursos de enfermagem no Brasil. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 59, n. 4, p. 479-87, 2006.

UEPB. **Projeto Pedagógico de Curso PPC**: Enfermagem (Bacharelado). Campina Grande: EDUEPB, 2016. 134 fl.